



Nuno Teixeira

O peso político-militar da Rússia faz-se sentir sobre a Ucrânia. A revolução da Praça da Independência (Fevereiro de 2014), em Kiev, que determinou a queda do regime pró-russo de Viktor Yanukovich e a ascensão de forças pró-europeias, personalizadas por Petro Poroshenko, abriu espaço à anexação da Crimeia pela Rússia em Março de 2014. Seguiram-se ímpetos separatistas no Donbass, nas regiões de Donetsk e Luhansk, que logo declararam unilateralmente a independência face a Kiev. Indiferentes aos acordos de paz, os separatistas foram concretizando avanços no terreno. Controlam o importante nó ferroviário de Debaltseve e mantêm presença perto de Mariupol, que garante o principal acesso marítimo à Crimeia. A influência russa pode alastrar-se a oeste, onde há também forte implantação da população descendente e falante russa.

ter a sua esfera de influência no antigo espaço soviético. O investigador do IPRI antecipa que a atitude “intrusiva” do Kremlin na Ucrânia, Geórgia e países Bálticos permitirá continuar a negociar “Minsk atrás de Minsk, alívios de sanções ou apostar na cartada energética que divide a Europa”. Enquanto a estratégia da Ucrânia passa por tentar assegurar a integralidade do território através das sanções ocidentais ou mesmo de um eventual novo reforço da presença da NATO na região, a Rússia aposta numa estratégia global.

No entender de Loureiro dos Santos, “a Rússia está a fazer uma jogada europeia” com o intuito de alargar o seu espaço de influência. O general dá como exemplo o recente tratado de aliança e integração assinado com a Ossétia do Sul. É esta estratégia que leva Putin a referir-se cada vez mais aos “membros da etnia russa” em detrimento da expressão “cidadãos da Rússia”. Até a União Euroasiática promovida pelo presidente russo assenta em premissas étnicas para lá dos habituais predicados económicos. Loureiro dos Santos defende que “o objectivo futuro da Rússia são os países Bálticos”, região onde, recentemente, a NATO constituiu uma força militar de acção rápida na sequência das manobras russas naquela zona.

Os dois especialistas em Relações Internacionais coincidem na conclusão de que a Rússia quer desestabilizar a Europa. “Por isso apoia economicamente partidos europeus como a Frente Nacional (FN), o Podemos, o Syriza ou o UKIP”, realça o ex-ministro da Defesa, que aponta o recurso a “vários vectores, desde a informação à economia, passando pelo gás e pela diplomacia”, como exemplificativos da “natureza não exclusivamente militar” da estratégia adoptada por Moscovo. “Este patrocínio financeiro russo a partidos extremistas europeus é especialmente preocupante no caso

A estratégia global russa poderá prolongar a situação vivida na Ucrânia. É do interesse de Putin continuar a jogar em dois tabuleiros.

da FN pelo impacto que pode ter nas presidenciais de 2017”, teme Bernardo Pires de Lima.

Esta estratégia global russa poderá implicar um arrastar no tempo da situação na Ucrânia. Para a Rússia ditar os acontecimentos nas suas zonas limítrofes, “basta patrocinar ou apoiar oficiosamente” as forças separatistas, lembra Pires de Lima. Até porque, com a deterioração da economia ucraniana, as reformas impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em troca de apoio financeiro, “levarão anos a concretizar e provavelmente acentuarão crises sociais antipoder”. O que poderá beneficiar os partidos pró-russos. Loureiro dos Santos sustenta que “a Rússia pode e irá jogar com isso”, sabedora de que “a reviravolta na Ucrânia só pode acontecer de duas formas”: novas eleições ou através da violência.

Putin deverá continuar a jogar em dois tabuleiros, o que “serve em termos da popularidade interna e sustenta a tentativa de reafirmação internacional” do Urso Russo, admite o analista do IPRI. E, tendo em conta que “à Rússia não interessa partir a Ucrânia ao meio”, como diz Loureiro dos Santos, Moscovo poderá, antevê Pires de Lima, “contentar-se em fazer, no Donbass, o que fez na Geórgia e na Moldávia: acautelar a sua posição ‘ad eternum’, condicionando a política interna desses países e a sua integração nas organizações ocidentais”.

Para já, Putin tem levado avante as suas intenções de reafirmação da Rússia enquanto potência regional zeladora do seu espaço tradicional de influência. A revista *The Economist* escrevia esta semana que a influência russa é cada vez mais sentida em Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana. Mais importante, a historicamente russa Crimeia já foi anexada e parece que é um dado adquirido. **W**